

Um Encontro Profundo

🍇 João Bosco Tavares de Lima 🍇

Editora
Penalux
Porque livros iluminam

Aparecida, 2012



Editora Penalux

Síntese Suporte Educacional LTDA
Rua Totó Barbosa, 231 – Ponte Alta
Aparecida, SP | Cep.: 12.500-000

Edição França & Gorj

Revisão Rubens Godoy Sampaio e Maysa Mega Catarino

Capa e diagramação Ricardo Paixão

Ilustrações Hiago Corrêa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Responsável Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lima, João Bosco Tavares de
Um encontro profundo / João Bosco Tavares de Lima. –
Aparecida : PENALUX, 2012.
112 p.

ISBN 978-85-65744-18-8

1. Literatura brasileira 2. Romance I. Título

12-0182

CDU 82-31(81)

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

PELA FRESTA da janela, já se podiam visualizar os raios de sol, que adentravam o quarto silenciosamente, trazendo gratuitamente o calor e a luminosidade. Da porta que levava para o corredor, ao quarto de visitas, à copa e à cozinha, havia um perfumado cheiro que parecia ter cor, tamanho o desejo que trazia ao olfato.

Na cozinha, estava Clara, com as mãos frágeis, no entanto firmes, que despejavam lentamente a água quente sobre o pó de café dentro de um coador de pano. O vapor levantava exalando o aroma maravilhoso que se estendeu por todos os cômodos da casa, como se fizesse um convite para despertar de uma noite repousante de sono. O vapor ainda tocava seu rosto que, apesar de tantos anos vividos, revelava uma suavidade e leveza que parecia experimentar uma paz extraordinária.

Seus olhos azuis de tão claros refletiam toda a luz do amanhecer. Como num ritual sagrado, ela preparava a mesa, estendendo uma toalha de renda branca sobre ela, e depois colocava o café, já na garrafa térmica, juntamente com um cesto de pães e pequenas broas de milho que ainda soltavam um calor, pois ela as tirara naquele instante do forno a lenha, caprichosamente colocado e projetado com segurança para a casa toda feita de madeira.

Clara, ainda no ato de capricho, dirigiu-se para o jardim, que era cuidado por ela com o mesmo zelo de quem cuida de um filho recém-nascido, e começou a colher lírios, margaridas e dois botões de rosas amarelas que começavam a desabrochar. Juntou todas as flores e as colocou num vaso transparente de cor azul, feito seus olhos, depositando-o no meio da mesa já posta.

Um Encontro Profundo

No quarto, José se colocava sentado à beira da cama, com os pés no chão, já calejados devido aos oitenta anos de vida; então, levou as mãos ao rosto, massageando-o, e depois passou os dedos entre os fios de cabelos, fazendo o mesmo procedimento. Com os olhos fechados, ele desviou sua atenção para o estalar das águas que debruçavam sobre a cachoeira que passava a cerca de cem metros da pequena casa de madeira.

Como toda manhã, José, de olhos fechados, começava sua oração.

— Senhor, meu Deus, obrigado por mais esta manhã em que posso contemplar o amanhecer com toda esta exuberante natureza, e também de estar vivo desfrutando do convívio salutar com minha amada Clara.

— Peço perdão por minha essência humana, que por inúmeras vezes não se satisfaz com coisas simples e belas. Por fim, Senhor, peço-lhe a graça de saber agradecer as coisas boas e os dissabores que certamente podem surgir ao longo de meu dia.

Logo após, levantou-se, caminhou até a suíte e, aproximando-se do espelho colocado acima da pia, fitou seus olhos castanhos esverdeados e disse em pensamento:

— Mais uma manhã, José.

Depois escovou os dentes e lavou o rosto calmamente, sentindo a água fria deslizando em seu rosto marcado pelas rugas criadas pelo tempo. Após enxugar o rosto, saiu calmamente em direção à janela do quarto e a abriu. Embora fizesse isso todas as manhãs, ele ainda ficava estarecido com a visão das montanhas e da cachoeira jorrando a água forte sobre as pedras, formando um grande e lindo poço onde seu filho e netos se refrescavam nos dias quentes de verão.

Depois que ficou ali por um longo tempo, contemplando a paisagem, ouviu uma voz masculina suave:

— Gostou, José?

Espantado, ele correu os olhos por todo o quarto e não viu nada. Daí deu de ombros e disse:

— Devo estar ouvindo demais.

E, rindo, entrou no corredor em direção à cozinha.

Com os passos lentos, no entanto, firmes, José caminhou denunciando sua chegada, devido ao barulho produzido por seus passos no piso de madeira; chegando, observou Clara depositando uma bandeja repleta de pedaços de frutas sobre a mesa do café.

Com um olhar terno, ele abraçou-a carinhosamente, beijando sua testa lentamente e de forma suave e apaixonada. Desceu os lábios sorrateiramente tocando os olhos, seguindo pelo nariz e pousando lentamente nos rosados e doces lábios de sua amada esposa, beijando-os sutilmente. Depois, afastou-se, olhando diretamente para seus lindos olhos azul piscina e disse:

— Te amo! Como no primeiro dia em que a vi, minha doce *princesa*...

Ela, em retribuição, respondeu-lhe:

— Amo o mesmo homem que me fez *princesa* de seu reino, meu doce e maravilhoso príncipe real.

Sorrindo, sentaram para compartilharem do saboroso café.

Clara e José tinham uma cumplicidade extraordinária, mas nem sempre foram assim. Os dois construíram juntos esta relação.

Quando jovens, tiveram inúmeras divergências, pois ainda não estavam maduros o suficiente para compreenderem

Um Encontro Profundo

que um casamento é construído não apenas de saborosas carícias. O relacionamento a dois necessita de manutenção diária e, por inúmeras vezes, necessita de renúncia, desprendimento e, sobretudo, diálogo. A rotina do dia a dia transforma príncipes e princesas em sapos.

Os dois optaram por serem coerentes ao juramento que haviam feito diante do altar e, sobretudo, diante de um Deus que ambos acreditavam piamente na existência.

Mas é claro que passaram e viveram inúmeras crises, devido a ilusões, desejos fúteis e tantas outras motivações. Porém, conseguiram detectar que todos estes sentimentos de insatisfação não residiam no outro, mas em cada um deles. O parceiro era apenas um objeto utilizado como defesa para o vazio interno que só eles mesmos podem completar. Com esta consciência, o relacionamento amadureceu gradativamente e, a cada novo amanhecer, propuseram-se a renovar o amor de um pelo outro, tornando-o cada dia mais alicerçado.

Sentados a mesa, conversavam sobre inúmeros assuntos e não se esgotava o diálogo, pois o tempo os fizera cúmplices e, mesmo quando em silêncio, as palavras pareciam fluir na troca de olhares de ambos.

Após terminarem o café, arrumaram a mesa juntos e, em seguida, Clara colocou as louças na pia, começando a lavá-las. Ele pacientemente aguardou e depois enxugou todas as louças tranquilamente, tudo acompanhado de um silêncio profundo, como se fosse um ritual religioso.

*

Depois de tudo pronto, José pegou a bandeja com vários pedaços de frutas que, propositalmente, foram cortadas a mais por Clara, para que sobrasse para os pássaros, e se dirigiu para fora da casa, dizendo a Clara:

— Vou levar para as crianças.

Ela respondeu:

— Eles devem estar lhe aguardando, como todas as manhãs.

Ele sorriu e seguiu rumo à varanda da frente.

Desde que se mudaram para a casa de madeira na zona rural, ambos viviam sós, pois seu único filho casara e morava com a esposa e os filhos na cidade. Por esse motivo, costumavam chamar os pássaros, que tratavam todas as manhãs com as frutas, de nossas crianças, e os pássaros pareciam sentir-se realmente filhos, pois sentavam sem cerimônia para desfrutar da deliciosa refeição matinal.

José, após caminhar alguns metros, passou pela sala de TV, toda mobiliada de móveis antigos, e entrou na grande varanda suspensa, toda cercada de madeira trabalhada, formando um cercado que fecha toda ela com uma única escada de três degraus, que dava acesso ao amplo quintal repleto de flores e árvores frutíferas. Toda a volta recebia caprichosamente sobre o parapeito de madeira que, por vezes, servia de banco aos visitantes. Vasos de flores, alternando entre um e outros, que vão das grandes toras de madeira que sustentavam a pomposa varanda, na grande prancha de madeira que sustentavam o telhado e eram penduradas belas samambaias de metros, que tinham grandes folhas que quase tocavam o chão, parecendo cabelos de Rapunzel. Ali também eram colocados estrategicamente os bebedouros de água que faziam aglutinar dezenas de beija-flores diariamente.

A varanda era o local preferido de José. Ali ele ficava por horas, sentado em sua cadeira de balanço, olhando os pássaros sobre o tablado de madeira com frutas ao lado do pé de jabuticabas, que ele cuida como se fosse um fruto sagrado, pois ele adora as bolinhas pretinhas como abelhas gostam de mel.

José desceu os três degraus e dirigiu-se até o tablado de madeira, depositando ali as frutas que trazia consigo e, ao

Um Encontro Profundo

mesmo tempo, dialogava com os pássaros como se fossem velhos amigos. Diálogo que parecia ser recíproco, pois os pássaros cantavam freneticamente parecendo responder ao bate papo descontraído do velhinho bonachão.

Após colocar os frutos, ele retornou e, devagar, sobe os três degraus que o lançam de volta à confortável varanda e senta-se na cadeira de balanço para contemplar seu paraíso doméstico.

2º CAPÍTULO

* O encontro *

Encontrar Deus é fácil. Difícil é abandonar as quinquilharias e migalhas que amontoamos ao longo do tempo, criando uma grande barreira que não nos permite o encontro de fato.

www.joaoboscotavares.com.br

bosco_tavares@hotmail.com

